

Autor: Denise Saleme Maciel Gondim – Corpo Freudiano

Título: A tentativa de suicídio na neurose e na psicose

Dispositivo: Mesas Simultâneas de Trabajos Libres

No cotidiano da clínica psicanalítica observamos que os pacientes que tentaram o suicídio quase sempre apresentam estado depressivo. Referem a um estado extremo de fragilidade naquele momento da vida. A questão da gravidade é percebida em relação à escolha do modo da tentativa e por isso nos perguntamos sobre a estrutura do sujeito no que se refere à auto-agressão. Alguns se machucam levemente e outros ferem o próprio corpo configurando-se muitas vezes em uma mutilação.

Em seu trabalho *Luto e Melancolia* (1917), Freud diz que o sujeito “só pode se matar... se puder tratar a si mesmo como um objeto”(pg.285), sugerindo que o suicídio é resultante quase sempre de um estado de melancolia. De início parece que ele quer dizer que o sujeito, a partir de uma impossibilidade em suportar essa perda irreparável, responde a isso a partir de um estado de melancolia, não conseguindo suportar e superar a angústia a que está submetido. Ao longo do texto, Freud esclarece que a melancolia é uma forma de psicose.

Para a psicanálise a melancolia está ligada ao campo das psicoses, diferenciando-se das depressões neuróticas. Essa diferença é marcada pela estrutura do funcionamento psíquico desses sujeitos através de seu discurso e não de sua sintomatologia. Nessa estrutura, o sujeito que não foi marcado pela operação do recalque, ou seja, não barrado pelo significante Nome-Do-Pai permanece vítima, assujeitado ao Outro se oferecendo ao gozo do Outro no lugar dessa falta que não houve.

Para Lacan, a melancolia não está assentada sobre uma representação, corresponde a um furo no simbólico. A partir dessas considerações, alguns casos de suicídio ou mesmo de tentativas parecem ser uma busca do sujeito de se inscrever no mundo, a partir da presença de uma ausência. Na tentativa de buscar um

sentido, de uma saída fatal em direção à vida, esse ato não tem depois já que não pode ser recuperado por uma significação. É o que chamamos, na psicanálise, de passagem ao ato.

A passagem ao ato pode ser vista como uma tentativa do sujeito de realizar a castração simbólica no real, separando-se do Outro. Esta separação produz a barra no Outro, feita no concreto pelo sujeito, que cai como o próprio objeto. Representa, portanto, uma tentativa de significação, sem que haja palavras. O ato toma o lugar da palavra.

O campo das neuroses também é rico para pensarmos as tentativas de suicídio. Na neurose há um Outro constituído como falta. Trata-se aqui do S barrado pelo corte do significante (S). O sujeito neurótico se difere do psicótico nas suas relações com o Outro, o que não quer dizer que isso em muitas situações de sua vida, pode mostrar-se insuficiente. A tentativa de suicídio no neurótico é também uma passagem ao ato e isso significa uma exclusão, um corte radical do Outro, diferentemente da psicose, onde o Outro não conta, ele está forcluído. Também na neurose o ato toma o lugar do dizer e na passagem ao ato se abandonam os equívocos do pensamento, da palavra e da linguagem pelo ato, assim como a toda dialética de reconhecimento; cria uma situação sem saída a respeito do Outro.

Deixar-se cair remete a uma evasão fora da cena do fantasma, sem que o sujeito se dê conta. Aqui qualquer simbolização torna-se impossível. Não se dirige a ninguém e não espera uma interpretação, ainda que isso possa ocorrer durante o tratamento analítico. Trata-se de uma defenestração.

Alberti (1999 p.17) afirma que “a maioria das suicidas jovens é composta de histéricas e, por consequência, o sujeito, em razão de sua estrutura neurótica, até o último instante tem dúvidas se realmente quer se matar”. A autora comenta que nem sempre o sujeito quer o suicídio, o que ocorre é que algumas vezes há um “erro de cálculo”. A partir disso, podemos pensar que a passagem ao ato nas tentativas de suicídio ocorre tanto na estrutura da neurose quanto da psicose.

Nos casos atendidos observamos que o endereçamento ao Outro quase sempre está presente. As queixas, as culpas quase sempre apontam para um modo de gozo desses sujeitos em relação ao objeto perdido. Supomos então que o luto é mais comum no fenômeno de tentativa de suicídio do que propriamente a melancolia. O apelo ao Outro é experimentado sem a sanção simbólica, em um momento de queda do sujeito.

No seminário A Angústia, Lacan faz uma distinção entre luto e melancolia explicando que o problema do luto é o de manter os vínculos por onde o desejo está suspenso do i(a), pelo qual todo amor, no que este termo implica a dimensão idealizada, está expresso narcisicamente. E isto constitui a diferença do que acontece com a mania e com a melancolia.

Já em Televisão (1999), Lacan se refere às depressões como a forma de ceder ao desejo, enquanto atribui o suicídio à mania. Ele comenta que o suicídio seria o retorno no real do que é rejeitado, da linguagem, sendo através da excitação maníaca que esse retorno se faz mortal. Desta maneira, nos convida a pensar no suicídio como uma forma de melancolia, sendo a tentativa de suicídio uma tentativa de reparação, devolvendo o corpo para os limites em que pode fazer imagem.

Há sujeitos em que a tentativa é uma forma de um apelo ao Outro e aí talvez possamos pensar na estrutura histérica. Em outros casos observamos que a agressividade em direção ao outro é relançada para si mesmo, sugerindo casos de neurose obsessiva. Tanto para a histérica como para o obsessivo, a questão do desejo é central, para o obsessivo, o desejo é uma condição constitutiva, o desejo puro e assim ele segue sua vida negando o Outro. Só que esse desejo é ambivalente. No caso da histeria, o sujeito busca seu desejo no desejo do Outro. Ou no que ela imagina ser o desejo do Outro.

No texto *O Eu e o Isso* (1923) Freud aponta que a neurose obsessiva protege mais contra o suicídio do que a histeria. Isso se deve ao fato que, de forma geral, a

neurose obsessiva transforma os impulsos de amor em impulsos agressivos contra o objeto, dificultando seu retorno para o próprio eu. Acontece que essas tendências agressivas acabam alcançando seu objetivo interno através de outra forma de autodestruição representada por uma punição permanente. Essa é uma das principais questões que nos chama atenção nas tentativas de suicídio recorrentes, em que em algum momento o sujeito consegue se matar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALBERTI, S. Esse sujeito adolescente. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
2. FREUD, S. (1913) **Totem e Tabu**. In: Edições standard das obras completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1972.
3. _____ (1917[1915]) **Luto e melancolia**. In: Edições standard das obras completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1972. Imago, 1972.
4. _____ (1923) **O Ego e o Id**. In: In: Edições standard das obras completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1972. Imago, 1972.
5. LACAN, J. **Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
6. _____ (1962-63) **O Seminário, livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.